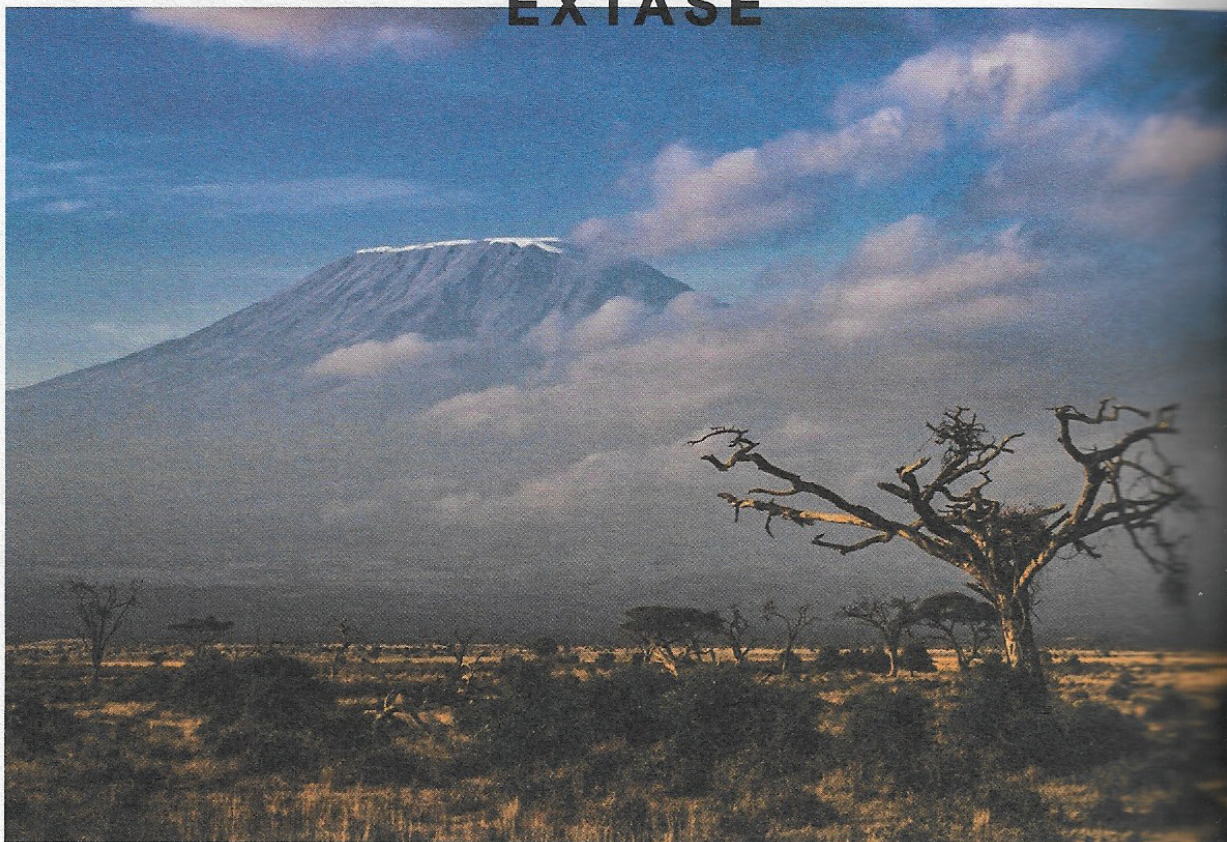


# KILI, JÁ FOSTE! FÔLEGO, DETERMINAÇÃO, ÊXTASE



Estão a ver aquele chichizinho campestre? Agora imaginem tal precisão a quase 6 mil metros de altitude. Ai, que isto vai ser geladinho! (Pensei.) Não foi. Os graus negativos eram 15, mas o sangue corria em lava. A ânsia de estar quase lá, no cume, 5 895 metros (eu, que nunca me vi numa destas); e o fim grandioso: cratera glacial metamorfoseada em espelho de um céu raiado de púrpuras, rosas, azuis-anis, violetas. Alvorecer histórico por cima de um chão de nuvens resplandecentes. Dizem que os deuses viveram naquele topo nevado de vulcão, “the square top of Mount Kilimanjaro”, alvitrou Hemingway. O que eu penei para o alcançar.

Depois das seis horas de ascensão final, com início às 23h30, noite de luar do sétimo dia de expedição, chego com o meu grupo (quatro guias, dois norte-americanos, um português e dois holandeses) ao pico Uhuru. Nascia o sol no ponto mais alto de África. Brevíssimos minutos de contemplação, antes de retomar o trilho negro de pedra vulcânica com rails de neve, feitos via rápida para descer, na fuga, necessária, àquela espécie de hipnose de oxigénio raro e cansaço extremo.

A descida de regresso foi um retiro de silêncio em movimento, só quebrado quando nos cruzamos com outro grupo que formiga pelo trilho em sentido oposto, ainda ansioso: “Conseguiram?! Todos?” “Sim, conseguimos”, à Bob, o Construtor.

Custou, se custou! Na ascensão final, os nova-iorquinos quase desistem,

TEXTO  
TERESA GENS

a rapariga ia vomitando, ele condoía-se com o sofrimento dela: "Oh, honey..." Apoiados um no outro, chegam ao summit. Eu, do pico Stella (a 5 745 metros) para cima, arrasto-me. O guia tanzaniano proíbe qualquer descanso, quebramos ali se o fizermos. Há sacrifício. Porém, ninguém deita a toalha ao chão. Parece ridículo, eu sei, é só um monte. Mas há todo um imaginário criado à volta de alcançar o seu topo. E se não consigo? A cabeça, às vezes, é caixa- de-ressonância.

Consegui. E quando, regressada ao acampamento, me enrolo no saco-cama, corpo entorpecido, cabeça ainda a mil, revejo tudo. Como na sinopse de um sonho. Foram oito dias com todas as estações dentro. Na base, clima tropical, no topo, de noite, ártico, 7 a 29 negativos. Há cinco trilhos possíveis para subir esta montanha, sem exigência técnica.

Segui a rota Machame, *pole, pole* ("devagar, devagarinho" em suaíli). É a mais difícil, e íngreme, mas também a mais cénica e com maior taxa de sucesso no alcance do topo, por permitir melhor aclimação: habituação do corpo à altitude. Tive dores de cabeça e enjoos ligeiros a partir dos 2 500 metros - passaram. O mal-estar da montanha, se agudo, é potencialmente fatal. O guia principal, Joseph, lembrou amiúde: "Life is better than killi." Nunca duvidei.

Mas o Kili não é só a conquista de um cume, é o exotismo de uma montanha nevada com Ngorongoro ali ao lado. Base de savana, topo de glaciár. Semana com direito a densa floresta tropical, macacos colobu de galho em galho; tundra, misteriosa, triste com a chuva; e surreal deserto alpino, charnecas povoadas de *groundsels*, esculturas de lava gigantes. O degelo alimenta rios e riachos. Tudo à vista na nossa caminhada de cada dia (15 km), com acampamento montado, chá de ervas e legumes guisados com especiarias à chegada. Obra de 12 homens (carregadores, maioritariamente). Esguios, fortes, feitos à altitude, desafiam-na, com o acampamento às costas, a cantar. Dispensam banhos, nós também. Tornámo-nos uma estranha família a galgar por ali acima. Engolimos litros de água, falamos com o olhar (há lá fôlego para conversa?!), ouvimos a rádio a energia solar do Joseph. Numa das paragens para descanso, e coxas de frango frito, ele calou o transístor. Hora da lenda. Diz que dragões alados viveram naquelas bandas, há muitos, muitos, anos. Acho que vi um ao lusco-fusco, ou era isso ou um morcego.



## O PONTO MAIS ALTO DE ÁFRICA

É LEVAR OU LEVAR:  
BOTAS DE MONTANHA A+++  
E VESTUÁRIO DE NEVE.

ACEITAM DÓLARES EM TODO O LADO.  
CARTÃO DE CRÉDITO SÓ NALGUNS  
HOTÉIS E RESTAURANTES DA CIDADE.

O VISTO TURÍSTICO TRATA-SE  
À CHEGADA AO AEROPORTO DA CAPITAL  
DAR ES SALAAM. CUSTA \$50 E HÁ  
QUE MOSTRAR PASSAPORTE, PROGRAMA  
DA ESTADA, BILHETE DE REGRESSO  
E VACINAÇÃO OBRIGATÓRIA.

A LÍNGUA OFICIAL É O SUAÍLI  
MAS HÁ MUITA GENTE A FALAR  
INGLÊS (A TANZÂNIA FOI COLÓNIA  
ALEMÃ E DEPOIS BRITÂNICA).

CUSTA 1 500 DÓLARES A EXPEDIÇÃO  
DE 7 DIAS AO KILIMANJARO.

INCLUI TAXA DE ENTRADA  
(É UM PARQUE NATURAL) E TUDO  
O QUE É NECESSÁRIO: EQUIPAMENTO  
DE CAMPISMO, REFEIÇÕES, SEGURO  
DE RESGATE, DUAS NOITES EM  
HOTEL APÓS A ASCENSÃO - PORQUE  
SÓ SE PENSA EM DUCHE E CAMA.

